

A BIOGRAFIA ENTRE O CINEMA E A HISTÓRIA: MODOS TRADICIONAIS DE NARRAR NA MEMÓRIA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Raphael Guilherme de Carvalho*

Resumo: O artigo discute, à luz dos debates recentes sobre o gênero biográfico e, mais especificamente, sobre o papel da biografia na história intelectual, dois objetos culturais que se propuseram a constituir uma espécie biografia do historiador Sérgio Buarque de Holanda. Os *Apontamentos para uma cronologia de Sérgio* e o documentário *Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda* são questionados quanto ao tipo de efeito memorialístico que produzem. Dotados, ambos, de um modo de narrar tradicional, acabam por monumentalizar o sujeito biografado, com objetivo de impor um sentido unívoco (fechado) ao devir da memória de Sérgio Buarque.

Palavras-chave: História intelectual; Gênero biográfico; Sérgio Buarque de Holanda.

Abstract: The following article aims to discuss, from recent debates concerning the biographical genre and, more specifically, biography's role in the intellectual history, two cultural objects, which proposed to constitute a biography of the historian Sérgio Buarque de Holanda. The *Apontamentos para uma cronologia de Sérgio* and the documentary *Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda* are asked about the type of memorial effect that are produced by them. Both of them have a traditional way to narrate, thus they give a monumental aspect, in order to impose an univocal – closed – sense to becoming of Sergio Buarque's memory.

Keywords: Intellectual History; Biographical genre; Sérgio Buarque de Holanda.

* Mestrando em História pelo PPGHIS/UFPR. Bolsista de mestrado do CNPq.

É um tanto inquietante a ausência de uma biografia propriamente dita¹ de Sérgio Buarque de Holanda, considerado o peso de suas contribuições para a cultura histórica brasileira² ao longo de sua vida, vivida durante boa parte do século XX. Podem-se especular, com a mesma inquietação, os motivos para a não-existência de uma biografia deste historiador: o desprezo pelo gênero biográfico da parte dos cientistas sociais e historiadores durante a hegemonia dos *Annales* e do estruturalismo? O esquerdismo militante predominante até os anos 1980 na academia brasileira, que teria tornado diminuto o interesse pela obra de Sérgio Buarque como um todo? A complexidade da trajetória buarquiana, da crítica literária ao ensaísmo histórico, da atividade jornalística à cátedra universitária, da boemia literária ao trabalho metódico historiográfico?

Este “silêncio” (ausência ou não existência de uma biografia do autor propriamente dita), contudo, pode e deve ser relativizado. Há, é evidente, traços biográficos delineados, trajetórias parciais, esboços, introduções a coletâneas de textos, enfim. Há, principalmente, estudos de aspectos mais ou menos isolados de sua obra – crítica literária nos anos 1920 e nos anos 1940-50, formação nos anos do modernismo, a viagem à Alemanha no final dos anos 1920, a escrita plástica dos textos historiográficos etc.³ – que exploram com bastante competência aspectos diversificados, mas que apenas a partir dos anos 1990 começaram a ser revisitados (GALVÃO, 2008, p. 119).

Um dos mais completos, por tracejar a trajetória intelectual e analisar, ainda que brevemente, cada etapa da obra buarquiana, é a introdução de Maria Odila L. S. Dias a uma antologia de textos do historiador (1985). O grande mérito desta introdução é perceber em Sérgio Buarque uma afinidade com o historicismo alemão, aparente na preferência do historiador no trato de questões tais quais a temporalidade e a mudança histórica. Outro trabalho que merece menção especial, pela abordagem hermenêutica ancorada em autores relativamente pouco discutidos no Brasil, como Gadamer,

¹ Exceção feita à tese de Marcos Costa, “Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos 1930 e 1980”, defendida na Universidade Estadual Paulista (UNESP), em 2007, porém até então não publicada em forma de livro; e ao artigo de Eduardo Guimarães, “A modernidade brasileira reconta as tradições paulistas”, um capítulo do livro “Sérgio Buarque de Holanda, Perspectivas”, de J. K. Eugênio e P.M. Monteiro (2008).

² Entende-se por “cultura histórica” um “conjunto de fenômenos histórico-culturais representativos do modo como uma sociedade ou determinados grupos lidam com a temporalidade (passado-presente-futuro) ou promovem usos do passado”, Cf. SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 15.

³ Pode-se ter uma dimensão da variedade de enfoques e temáticas a partir da coletânea de estudos publicada em 2008: MONTEIRO, P.M.; EUGENIO, J.K. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Rio de Janeiro/Campinas: EDUERJ/Editora da Unicamp, 2008.

Koselleck e Rüsen, é o de Thiago Lima Nicodemo sobre a crítica literária buarquiana entre os anos 1940-50. Em tese de doutoramento recém-defendida na FFLCH/USP, o autor analisou como a crítica literária serviu ao projeto mais amplo de interpretação da história brasileira por Sérgio Buarque.

Em razão da crise da consciência histórica (ou crise do horizonte de expectativas do Ocidente como um todo) a partir dos anos 1980 (SILVA, 1998), a ciência da história volta-se para um questionamento epistemológico de si mesma, em diálogo franco com a filosofia, e privilegia questões como a temporalidade e a historicidade.⁴ Na retomada da reflexão hermenêutica nas ciências humanas, há vontade de fazer “sentido” (sem teleologia), o resgate da historicidade (sem historicismo) e o gosto pelo agir (sem ativismo). O novo paradigma próprio das ciências humanas permite, assim, repensar um novo horizonte de expectativas (DOSSE, 2004, p. 11-61).

Concomitante a este processo, surge no horizonte teórico o “desafio biográfico”. Rechaçada durante um bom tempo (durante a vigência dos *Annales* e a preferência por uma história estruturante que busca escapar da superficialidade dos fatos) como um gênero “menor” ou “ilusório”, a biografia aos poucos se converte em uma possibilidade concreta e plausível de escrita da história. Nas palavras de Dosse, “a intrusão do biográfico nas ciências sociais sacode alguns postulados “científicos” [...], pois os relatos se situam num espaço entre a escrita e a leitura literárias ou entre escrita e leituras científicas” (DOSSE, 2009, p. 242). Em especial, a proposta de François Dosse por uma “biografia intelectual” (segundo os postulados da ainda incerta disciplina da história intelectual), favoreceria o desenvolvimento de uma biografia de Sérgio Buarque de Holanda?

As questões que se pretende tratar neste trabalho são, felizmente, muito mais modestas. A reflexão partiu do estranhamento causado pelo vazio de uma biografia, propriamente dita, sobre Sérgio Buarque e a expectativa pousada sobre a possibilidade para tal empreendimento tornar-se mais plausível a partir do caminho proposto pela história intelectual. O que se pretende analisar são os *Apointamentos para uma cronologia de Sérgio*, organizados por sua esposa, Maria Amélia Buarque de Holanda,

⁴ Cf. Helenice Rodrigues da Silva, “o desaparecimento dos grandes sistemas explicativos e o abandono do paradigma crítico, em vigor no campo intelectual durante as décadas 60/70, afetaram [...] o retorno da filosofia do sujeito, rejeitando o ideal de objetivismo e de determinismo, lança as bases de novos fundamentos intelectuais, cujo primado central será concedido à ação (intencional e intersubjetiva) dotada de sentido”.

em 1979, por ocasião do lançamento da edição venezuelana de *Visão do Paraíso*.⁵ Causa estranhamento, também, um historiador de estilo e método sofisticados contentar-se com uma prática amplamente criticada no decorrer do século XX como “o que não se deve fazer em história”: o estabelecimento de uma cronologia na representação do passado, entendido, assim, de forma linear e contínua.

A partir daqueles *Apontamentos...* estabeleceu-se o roteiro de *Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda* (2004), documentário dirigido por Nelson Pereira dos Santos, em razão das comemorações pelo centenário de Sérgio Buarque. Talvez resida nesse ponto o fracasso da estratégia narrativa do documentário, que caiu no enfadonho. Os *Apontamentos...*, tanto quanto o documentário de Nelson Pereira dos Santos, oferecem oportunidade prática de discussão das mais veementes críticas ao gênero biográfico feitas pela própria história e, sobremaneira, pelas ciências sociais, a saber, a armadilha cronológica e a linearidade (LORIGA, 1998; BOURDIEU, 1996; LEVI, 1996).

Por outro lado, procura-se perceber, na perspectiva memorialística, que tipo de lembrança eles (os *Apontamentos...* e o documentário *Raízes do Brasil...*) se propõem a emitir, que tipo de memória se pretende erigir para o futuro. Em questão está o tipo de efeitos memorialísticos (políticos, por conseguinte) que a narrativa pressuposta pela cronologia e a narrativa fílmica produzem. O objetivo deste artigo, analisado em duas etapas, refere-se, portanto, à submissão dos *Apontamentos para uma cronologia de Sérgio* e do documentário *Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda* a algumas das críticas impostas ao gênero biográfico; e à análise do papel representado por estes objetos culturais na configuração de uma memória em torno de Sérgio Buarque de Holanda. Por fim, gostaria de mencionar, apenas, as possibilidades de trabalho com uma biografia intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, a partir do caminho fendido pela história intelectual.

⁵ HOLANDA, M. A. B. *Apontamentos para a cronologia de Sérgio Buarque de Holanda*, s/d, Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Biblioteca Central Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia_indice.html> Acesso em: 20.05.2011.

O gênero biográfico: rejeições enfáticas, tensões permanentes, limites e possibilidades

François Dosse, n' *O Desafio Biográfico*, de início destaca o caráter híbrido do gênero, tensionado entre o viés científico e a aspiração à verdade e o elemento ficcional e uso da imaginação histórica no suprimento de carências documentais:

A dificuldade de classificá-lo numa disciplina organizada, a pulverização entre tentações contraditórias – como a vocação romanesca, a ânsia de erudição, a insistência num discurso moral exemplar – fizeram dele um subgênero há muito sujeito ao opróbrio e a um déficit de reflexão (DOSSE, 2009, p. 13).

Sabina Loriga liga a “redescoberta da biografia” ao desejo de estender o campo da história e trazer para primeiro plano o debate sobre os excluídos da memória. A crise dos paradigmas totalizantes estimulou a retomada da noção histórica de indivíduo. Mas a redescoberta recente da biografia muitas vezes é vista como rendição a uma história cronológica, baseada em frágil conceituação, superficial, anedótica (LORIGA, 1998, p. 226). Seria, então, uma redução da história-problema a uma história-narrativa, conforme a conceitua François Furet:

É restituir o caos de acontecimentos que constituem o tecido de uma existência, a trama de uma vida. O seu modelo é muito naturalmente a narrativa biográfica, porque conta algo que se apresenta ao homem como a própria imagem do tempo: a duração muito nítida de uma vida, entre o nascimento e a morte, e as datas referenciáveis dos grandes acontecimentos entre esse início e esse fim (FURET, 1986, p. 81).

Outro problema recorrente envolvendo a biografia é que “a ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente traz em si boa dose de engodo e ilusão” (DOSSE, 2009, p. 14). Trata-se da “ilusão biográfica”, sobre a qual alertava o sociólogo Pierre Bourdieu, para quem a narrativa biográfica pressupõe que a vida constitui um conjunto coerente e orientado que pode e deve ser apreendido como expressão unitária (BOURDIEU, 1996). A crítica radical de Bourdieu à ilusão biográfica, que afiança o sujeito como entidade não-pertinente, certamente despertou inúmeras interrogações. Aliás, as críticas mais severas à biografia partem do campo sociológico.

“Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos [...] é quase tão absurdo quanto analisar a trajetória de metrô sem levar em conta a estrutura da rede” (BOURDIEU, 1996, p. 189). Esta analogia utilizada por Pierre Bourdieu pode ser usada como síntese de suas críticas ao gênero biográfico, totalmente desqualificado ao ser referido como “ilusório”. O relato de vida é comprometido pela oficialização de uma representação privada da própria vida, semelhante ao modelo oficial de apresentação de si expresso, por exemplo, em uma carteira de identidade. Bourdieu estigmatiza o gênero biográfico e, com isso, contesta a historicidade do sujeito.

Para o sociólogo francês, o relato biográfico ancora-se no pressuposto de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto”. (BOURDIEU, 1996, p. 184). O principal problema para Bourdieu, portanto, estaria na questão da continuidade/linearidade: uma vida não é uma trajetória retilínea em direção a um fim determinado. Outro problema o nome próprio, “atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais, [...] possibilidade socialmente reconhecida de totalizar essas manifestações em registros oficiais” (BOURDIEU, 1996, p. 187).

Dosse, em resposta, vai além ao asseverar a necessidade dessa ilusão e a questão da opacidade entre biógrafo e biografado. Em consequência da empatia com o tema (relação hermenêutica) o biógrafo acaba possuído e modificado pela relação que estabelece com seu biografado. Ancorado em Ricoeur, Dosse afirma que “a escrita biográfica está bem próxima do movimento em direção ao outro e da alteração do eu rumo à construção de um Si transformado em outro” (DOSSE, 1009, p. 14). Para se evitar os riscos do descrédito, o biografado deve expor com frequência os elementos componentes do “contrato de leitura” com seus leitores. O pacto biográfico distingue o trabalho de pesquisa da ficção pela verificação dos métodos e critérios de cientificidade. De todo modo, enfatiza a tensão do gênero como desafio ao defini-lo como “gênero impuro”: “O domínio da escrita biográfica tornou-se hoje um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter ambivalente da epistemologia de sua disciplina, apanhada na tensão entre seu pólo científico e seu pólo ficcional” (DOSSE, 2009, p. 18).

Os “Usos da biografia”, texto de Giovanni Levi, foi publicado originalmente na Revista *Annales, ESC*, em 1989. Neste mesmo número da revista consta o trabalho de Roger Chartier que se tornou fundamental na fundamentação da chamada história cultural na França. Este ano, emblemático pelo início da queda do regime socialista soviético, representa igualmente uma guinada no fazer historiográfico que, digamos, interrompe o sucesso da *nouvelle histoire* dos *Annales*. A própria revista logo alteraria seu nome, de *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations*, para *Histoire, Sciences Sociales*. Segundo José Carlos Reis, a história ameaça separar-se das ciências sociais (“há uma vírgula entre elas”) e os *Annales* podem ser vistos como uma perspectiva, uma abordagem (não mais dominante) representativa do “olhar do século XX sobre a história” (REIS, 2000, p. 163).

Para Roger Chartier, em *O Mundo como representação*, as ciências sociais estariam passando por uma crise dos paradigmas dominantes, em que o estruturalismo e o marxismo, antes bases da interpretação histórica e sociológica, estariam sendo substituídos por outras formas de representações e objetos. Este texto seria sintomático do desaparecimento dos grandes sistemas explicativos e o abandono do paradigma crítico, em vigor no campo intelectual durante as décadas 60/70. Há, então, uma “crise da consciência histórica”, reforçando o sentimento de perda de sentido da experiência histórica. O retorno da filosofia do sujeito lança bases de novos fundamentos intelectuais, cuja ênfase será concedida à ação (intencional e intersubjetiva) dotada de sentido (SILVA, 2007).

Em meio a estes debates, a micro-história surge como alternativa, e representa, também, uma preocupação com a ação individual livre de determinismos estruturais. Giovanni Levi defende o gênero biográfico como uma oportunidade de pensar profundo sobre tais questões. No texto “Usos da biografia” Levi pretende avaliar o entusiasmo pelo gênero biográfico, que “mais que nunca está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades” (LEVI, 1996, p. 167). Tal entusiasmo tem relações com a abertura da história para compreensão de seus aspectos narrativos e literários, em que, ato comunicativo, insere-se a capacidade argumentativa do discurso histórico. Mas a grande questão que se coloca em geral à biografia é se se pode escrever a vida de um indivíduo. A resposta, em geral, é vazia: acusa-se a falta de fontes. Mas Levi pretende ir além, e afirma que este é o menor dos problemas. O

problema se concentra no fato de que os historiadores “imaginam que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado” (LEVI, 1996, p. 169).

Assim, Levi concorda com as críticas de Pierre Bourdieu à “ilusão biográfica”, ou seja, à crença na capacidade da biografia em descrever o que é significativo em uma vida. Os problemas com que se deparam os historiadores no uso da biografia em geral são “a complexidade da identidade, sua formação progressiva e não-linear e suas contradições” e, para Giovanni Levi, a questão é sobre como os indivíduos se definem, conscientemente ou não, em relação ao grupo.

Trata-se, porém, de soluções todas elas parciais e bastante problemáticas na ótica do autor, acentuando a necessidade de debate sobre a biografia. Os termos do debate, segundo Levi, são “as relações entre normas e práticas, indivíduo e grupo, determinismo e liberdade, ou ainda entre racionalidade absoluta e limitada”. As formas que o autor demonstrou tipologicamente passam em silêncio por tais questões (LEVI, 1996, p. 179).

Enfatizando a questão do funcionamento efetivo das normas sociais e da liberdade (parcial) de escolha individual, Giovanni Levi afirma ser a biografia “o campo ideal para verificar o caráter intersticial da liberdade de que dispõem os agentes e para pensar como funcionam concretamente os sistemas normativos, jamais isentos de contradições” (LEVI, 1996, p. 180).

François Dosse salienta a importância da micro-história na renovação atual do gênero biográfico, a qual atraiu diversos historiadores insatisfeitos com as realizações biográficas atreladas a tipos ideais ou conduzidas pela vontade prévia de demonstração de algo. Ao buscar o senso comum a partir do incomum (casos-limite e comportamentos de exceção), “a biografia preceituada pela *microstoria* se distingue de um certo número de abordagens praticadas para renovar esse gênero unanimemente rejeitado em sua forma tradicional, linear e puramente factual” (DOSSE, 1009, p. 257). Para ele, Dosse, o mérito da micro-história está na restituição da *singularidade*, após longo eclipse durante a vigência dos *Annales*, quando o historiador deveria recorrer a meios estatísticos e às regularidades de uma história quantitativa e serial.

Diversos estudiosos, de historiadores a antropólogos, após a derrocada dos paradigmas estruturantes, rompem com os interditos que cercavam a biografia ao se lançarem às questões do sujeito e da subjetividade. Nas palavras de Dosse, “a intrusão

do biográfico nas ciências sociais sacode alguns postulados “científicos” [...], pois os relatos se situam num espaço entre a escrita e a leitura literárias ou entre escrita e leituras científicas” (DOSSE, 2009, p. 242).

Atualmente, na era da reflexividade hermenêutica, o campo de estudos biográficos tornou-se privilegiado como campo de experimentação para o historiador: “Os estudos atuais se caracterizam pela variação do enfoque analítico [...]. O quadro unitário da biografia foi desfeito, o espelho se quebrou para deixar aflorar mais facilmente [...] a pluralidade das identidades, o plural dos sentidos da vida” (DOSSE, 2009, p. 344). A heterocronia complexa sugerida pelas relações entre história e psicanálise questiona a todo momento as noções lineares tradicionais de sucessividade e sequencialidade e, assim, ajuda a evitar as ilusões biográficas. A linearidade da biografia tradicional é questionada, portanto, e até mesmo suas balizas temporais clássicas, a vida biológica e o ciclo de nascimento e morte. Há condicionamentos que se impõem ao indivíduo antes de nascer, bem como há metamorfoses do sentido de sua vida após seu desaparecimento.

A “biografia intelectual” preconizada e praticada por François Dosse visa o estudo dos escritores, filósofos e homens de letras em geral: “por definição, o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano” (DOSSE, 2009, p. 361). A biografia intelectual se caracteriza pelo aspecto de abertura a interpretações distintas e inesgotáveis: considerando que o significado de uma vida nunca é unívoco, ela aponta a importância da recepção do sujeito biografado no tempo e pelos seus pares e leitores. François Dosse assevera ser impossível saturar o sentido de uma vida, que pode – e mesmo deve – ser constantemente reescrita.

O caso das pesquisas biográficas e as questões levantadas por Dosse no seu *Desafio Biográfico* colocam em xeque as pretensões totalizantes de escrita da história, mesmo sobre a escrita da vida de um único indivíduo. A abordagem hermenêutica, reflexiva/interpretativa, opõe obstáculos aos determinismos e causalidades rigorosas. Humanizando-se, as ciências humanas despem-se de resquícios do modelo das ciências naturais. Destarte, o trabalho de François Dosse sobre o gênero biográfico é, também, uma verdadeira exposição e problematização dos aspectos mais recentes e complexos em que se travam as ciências humanas e a teoria da história. Em diálogo aberto com a

filosofia, a história volta-se para o humano, ao sujeito e à ação. No seu centro, a noção de *sentido*.

Uma memória fechada: Sérgio Buarque de Holanda nos gradis da cronologia

Em 1979, por ocasião da edição venezuelana de *Visão do Paraíso*, Francisco de Assis Barbosa, amigo pessoal de Sérgio Buarque (e organizador da edição), pediu à esposa de Sérgio, Maria Amélia, que organizasse junto a ele uma pequena biografia do marido. Ela conta, em entrevista exibida no documentário *Raízes do Brasil*, que Sérgio Buarque teria, por alto, ditado alguns trechos da sua cronologia. Fica evidente, na mesma entrevista, a preocupação em “corrigir” supostas mentiras ditas sobre Sérgio, bem como reafirmar seus posicionamentos políticos, sobretudo a respeito da ditadura militar brasileira, da qual o historiador foi crítico declarado. Os *Apontamentos...* tinham por objetivo embasar um outro estudo, futuro, que porventura se dedicasse à trajetória do autor de *Raízes do Brasil*. A cronologia foi utilizada, literalmente, como base do documentário.

Em razão das comemorações do centenário de Sérgio Buarque de Holanda foi produzido o documentário “Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda” (2004), de Nelson Pereira dos Santos⁶. O documentário *Raízes do Brasil...*, patrocinado pela Petrobrás, foi realizado para celebrar o centenário de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), um dos maiores intelectuais brasileiros. A iniciativa partiu da família de Sérgio e o roteiro foi produzido em co-autoria entre Ana de Holanda e Nelson Pereira dos Santos.

Assim, é reavivada – tornada presente – a memória sobre o autor de *Raízes do Brasil* (1936) e *Visão do Paraíso* (1959). Durante seu centenário, foi profusa a produção de materiais especiais sobre Sérgio Buarque de Holanda. Além do documentário de Nelson Pereira dos Santos, foi publicado pelo jornal Folha de São Paulo um suplemento especial dedicado todo ele a Sérgio Buarque (em 23 de julho de 2002), bem como o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp promoveu o Seminário Internacional “O histórico na literatura e o literário na história de Sérgio Buarque de Holanda”, entre 9 e 10 de setembro de 2002.

⁶ *Raízes do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. Brasil, 2004, Dir. Nelson Pereira dos Santos, 148’.

Para a historiadora Helenice Rodrigues da Silva, as comemorações tendem a demonstrar que o acontecimento rememorado, em razão do seu valor simbólico, visa, sobretudo, ao devir: “Em busca de um consenso nacional, o poder político investe nas lembranças das grandes datas, de maneira a encontrar no passado uma legitimidade histórica que permita consolidar a memória coletiva” (SILVA, 2002).

Neste sentido, de tornar viva – presente – a memória sobre um dos grandes “intérpretes do Brasil” reside a importância do documentário, como elemento constituinte de uma “consciência histórica”, ao produzir uma narrativa que atribui sentido à experiência histórica (RÜSEN, 2007, p. 41).

O documentário sobre Sérgio Buarque de Holanda parece, por via indireta, mencionar as diferenças entre memória individual, subjetiva (“rememoração”), e memória coletiva com pretensão de verdade e historicidade (“comemoração”). Elas se manifestariam na divisão do documentário em duas partes. Na primeira, aparecem os testemunhos dos familiares (esposa, filhos e netos) de Sérgio Buarque de Holanda, na tentativa de entendê-lo – ou, antes, construí-lo – na sua dimensão privada, subjetiva; na segunda parte, procura-se entender a dimensão pública, de historiador e “intérprete do Brasil”, por meio da leitura dos *Apontamentos para uma cronologia de Sérgio*, de textos do próprio Sérgio, entremeada por imagens de época, recortes de jornais, livros e músicas.

De início, pensou-se que essa divisão talvez remetesse à própria metodologia da obra mais lida e conhecida do historiador paulistano: *Raízes do Brasil*, segundo Antônio Cândido (crítico literário, amigo pessoal de Sérgio, prefaciador da obra e um dos depoentes do documentário), é construído sobre uma “admirável metodologia dos contrários” (CÂNDIDO, 1995, p. 9-12). Sua principal tese, e concomitantemente, principal crítica, a do “homem cordial”, refere-se à incapacidade do brasileiro em compreender e realizar uma separação nítida entre o público e o privado, conforme sugeria a sociologia weberiana, da qual teria bebido Sérgio Buarque.

No documentário, contudo, a separação em duas partes opera fundamentalmente um corte radical entre vida e obra. O recurso, didático e operacional, compromete a apreensão do autor nas duas dimensões, como complementares, impossíveis de separação. Este é o sentido do comentário de Antônio Cândido ao destacar a alegria e a pertença de Sérgio Buarque à boemia paulistana: “Sérgio era a combinação do imenso

erudito com a criatura alegre, inconformada, não convencional, [...] formado no espírito de 1922”. A fala de Antônio Cândido fecha a primeira parte do documentário, voltada para a vida privada de Sérgio, sua relação com os familiares, anedotas e casos curiosos. Com isso, cria-se a expectativa de que a segunda parte seria dedicada a uma reflexão sobre o historiador Sérgio Buarque de Holanda e dimensionamento sua pertença na cultura histórica brasileira, o que convergiria a uma espécie de “biografia intelectual”, promotora de reflexividade, avaliativa do sentido da memória do autor. Mas a expectativa não se realiza.

A cinebiografia, na segunda parte, assemelha-se mais a um amontoado de informações e dados burocráticos organizados cronologicamente, que se ressentem de uma análise de maior profundidade no campo das ideias, bem como – à exceção da presença vultosa de Antônio Cândido – de diálogos com outros intelectuais que leram e interagiram com a obra de Sérgio. Isso demonstra de forma clara os limites e problemas da ordenação puramente cronológica para a escrita biográfica tanto quanto para a escrita da história. Na medida em que não problematiza, esconde problemas. Por exemplo, sobre o ano de 1936, de fundamental importância na vida e na obra de Sérgio Buarque, diz o documentário, reproduzindo a leitura dos *Apontamentos* (com imagens de fundo de Alcântara Machado, Manuel Bandeira, da primeira edição de *Raízes do Brasil* e do casamento com Maria Amélia):

1936: Colabora em “Em Memória de Antonio Alcântara Machado”. Colabora no volume em homenagem aos 50 anos de Manuel Bandeira. Publica “Raízes do Brasil”, inaugurando a série “Documentos Brasileiros”, dirigida por Gilberto Freyre, da Editora José Olympio. Casa-se com Maria Amélia Cesário Alvim, tendo como padrinhos Inah e Prudente no religioso e Graciema e Rodrigo no civil (HOLANDA, s/d.).

Indo além da dicotomia real/ficcional, o gênero documentário não se trata de uma transcrição direta de uma realidade externa, mas sim uma construção narrativa que confere sentido ao material produzido. Nas palavras de Rosenstone: “yet the documentary is never a direct reflection of an outside reality, but a work consciously shape into a narrative which creates the meaning of the material” (ROSENSTONE, 1995, p. 33). A intenção deste trabalho, de discussão da reconstrução do passado e intervenção desta reconstrução no presente, permite entendê-lo “como uma expressão de valores, não só delimitados pela

maneira de abordar o tema encenado, mas, de modo mais decisivo, pela sua organização na forma filmica” (CAPELATO *et. al.*, 2007, p. 10).

Ocorre no documentário *Raízes do Brasil...* uma apropriação dos *Apontamentos...*, que acabam transformados pelo discurso cinematográfico. Os *Apontamentos para uma cronologia de Sérgio*, lidos durante a segunda parte do documentário, servem de roteiro para este. Sua leitura, em ordem linear/cronológica, é acompanhada de fotografias e cenas de época, que pretendem “ilustrar” a leitura (o que é, por si, uma fraqueza), entremeadas por trechos do livro *Raízes do Brasil*. Em nossa análise do documentário, percebeu-se alguma arbitrariedade na relação entre, por exemplo, as imagens de época e a leitura de trechos do livro *Raízes do Brasil*, que de modo algum se relacionam.

Por exemplo, quando remete ao início de amizade entre Prudente de Moraes, Neto, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Bandeira e a um encontro dos três em um café no Rio de Janeiro, trecho lido por Miúcha, filha do historiador:

Encontrava-se sempre com Ribeiro Couto que, um dia, apresentou-lhe Manuel Bandeira, na esquina da Avenida com São José. Ligaram-se logo e Sérgio escreveu sobre ele: “A Manuel Bandeira cabe atualmente uma bela posição na literatura nacional, a de iniciador do movimento modernista”. Pouco tempo depois, apresentou-lhe Prudente. “Neto do Presidente!”, riu Manuel e encaminharam-se os três para o Café Chave de Ouro. E para Sérgio e Prudente, Manuel virou logo o grande amigo (HOLANDA, s/d.).

Ao que segue trecho de *Raízes do Brasil*, lido pela neta, Silvia Buarque: “A verdadeira, a autêntica nobreza não precisa transcender ao indivíduo. Há de depender das suas forças e capacidades, pois mais vale a eminência própria do que a herdada” (HOLANDA, 1995, p. 37). Como se depreende, há uma relação artificiosa, carente de coerência, entre a leitura do trecho dos *Apontamentos...* e de *Raízes do Brasil*, o que reforça o argumento da ausência de maior profundidade intelectual da segunda parte do documentário.

Outros exemplos colhidos podem ser relatados. Desta vez, sobre as leituras compartilhadas pelos modernistas, Miúcha e Ana de Holanda leem outro excerto dos *Apontamentos...*:

Era tempo do Brasil governado por Artur Bernardes. Falava-se de política, de arte moderna. E de Literatura. A fonte literária filosófica era mais francesa. Com exceções. Couto de Barros, por exemplo, afinava com os ingleses. Mário interessava-se por todos, alemães e americanos inclusive. Oswald e Menotti um pouco pelos italianos. Lia-se Proust, lia-se poesia de Valéry e Claudel, lia-se o grupo de vanguarda (Apolinaire, Cocteau, Cendrars) e os

surrealistas Breton, Aragon, Eluard, nos quais Prudente e Sérgio eram especializados. De ingleses, Conrad, Thomas Hardy (Sérgio escreveu sobre este um artigo no Diário Nacional, órgão do Partido Democrático de São Paulo), Catherine Mansfield, Galsworthy, Yeats, o irlandês Synge, Bernard Shaw, T.S.Elliot. Havia as revistas Criterion e The Adelphi, assinada pela Livraria Crashley. De americanos, Dreiser e Sherwood Anderson. E os russos, Tchecov, Dostoiewisky, Tolstoi. Os alemães serviam mais para estudo - Theodor Lessing (emprestado por Alceu Amoroso Lima), o holandês Huysinga, os filósofos russos Rosanov e Chestov (HOLANDA, s/d.).

Em seguida, a neta Silvia Buarque retoma *Raízes do Brasil*: “A vontade de mandar e a disposição de cumprir ordens lhes são igualmente peculiares. As ditaduras e o Santo Ofício parecem lhes constituir formas tão típicas de seu caráter quanto a inclinação para a anarquia e a desordem” (HOLANDA, 1995, p. 39). Ora, esta passagem, do capítulo primeiro de *Raízes do Brasil*, refere-se diretamente ao legado ibérico, “de onde nos veio a forma atual de nossa cultura” (HOLANDA, 1995, p. 40) e, ao menos em primeiro nível, não se pode estabelecer nenhuma relação direta razoável com o modernismo, de que o documentário falava anteriormente, a não ser por um esforço intelectual apurado do espectador especializado. Assim, por meio destes excertos avaliados, aponta-se para um arrolamento da construção arbitrária e artificiosa da segunda parte do documentário de Nelson Pereira dos Santos, e vem a confirmar a artificialidade de uma forma de narrar tradicional, que pretende solidificar a presença do sujeito biografado.

Na tentativa de compreender melhor a narratividade do documentário e a constituição de sentido sobre o lugar de Sérgio Buarque de Holanda na cultura histórica brasileira, recorreremos à tipologia da narrativa histórica proposta por Jörn Rüsen. A escolha deste aspecto específico (a narratividade) justifica-se por ser traço comum e fundamental da biografia, da história e do documentário, onde se dá a própria explicação, por meio de argumentação, e, por conseguinte, o caráter de veracidade da história (RÜSEN, 2001, 2007; ROSENSTONE, 1995; NICHOLS, 1997). A narrativa, na teoria da história de Rüsen não é vista como “estetização” e negação de uma história-problema. Ao contrário, a narrativa é o modo de explicação específico da ciência histórica: “o próprio narrar a história já é por si um procedimento explicativo” (RÜSEN, 2007, p. 51). É vista, portanto, como um modo de apresentação e veículo da argumentação.

Rüsen distingue quatro tipos fundamentais de constituição de sentido por meio de narrativas históricas: tradicional, exemplar, crítica e genética. Sérgio Buarque de Holanda é um historiador afeito a um modo narrativo genético, que enfatiza a transformação histórica. Ou seja, confere importância fundamental à presença da experiência histórica (atuante) no presente, necessária no direcionamento/orientação das expectativas futuras (ASSIS, 2010). Ainda segundo a tipologia de Rüsen, a narrativa crítica é, simplificadamente, aquela que contradiz as diretrizes vigentes do pensamento histórico; a narrativa exemplar oferece modelos de exemplos abstratos com intenção de direcionar o agir; e a narrativa tradicional, à qual associamos a narrativa fílmica do documentário *Raízes do Brasil...*, constitui sentido pela *eternização* de um determinado sujeito histórico, fazendo recair o acento sobre as permanências e eclipsando as transformações.

Em conclusão, o documentário de Nelson Pereira dos Santos acaba por “monumentalizar” (ou eternizar, para usar a expressão de Rüsen) o sentido da presença de Sérgio Buarque de Holanda na cultura histórica brasileira. A noção de “monumento” é carregada de uma intencionalidade, a de legar à posteridade um sentido unívoco (fechado) para um passado cristalizado. Dessa forma, a cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda se assemelharia mais a uma história como “patrimônio”. A narrativa tradicional, cronológica e de pretensão objetiva (à maneira das biografias tradicionais), utilizada pelo produto audiovisual como maneira de representar a história de vida do historiador corrobora o seu aspecto comemorativo.

Visando ao devir, tais comemorações históricas em geral pretendem fornecer um sentido extático à memória exaltada. Se à atual guinada memorialística da história cabe “apreender a relação do presente da memória (de um acontecimento) e do passado histórico (desse acontecimento), em função da concepção de um futuro desse passado” (SILVA, 2002), o sentido da memória de Sérgio Buarque produzida pelo documentário não corrobora as excelentes análises que têm sido feitas no âmbito da disciplina histórica sobre este historiador, nem as mais recentes discussões da ciência histórica (e do documentário) sobre a maneira de se narrar a (uma) história.

Historiador, formado na escola historicista alemã, possivelmente concordaria que o fazer história (e o que faz história, história) é uma maneira específica de interpretar a *mudança* temporal de determinado sujeito histórico. Por isso,

provavelmente Sérgio Buarque de Holanda não se sentiria satisfeito com o seu retrato eternizado.

Considerações finais

A ainda indeterminada “história intelectual” vê-se constantemente em dificuldades epistemológicas, pressionada “entre uma lógica diacrônica da história das ideias e sincrônica das cartografias e dos cortes socioculturais” (DOSSE, 2004: 301). Jean-François Sirinelli afirma que a história intelectual é uma verdadeira “escola de complexidade” (SIRINELLI, 1997). Some-se a isso a objeção pertinente levantada por Helenice Rodrigues da Silva em relação aos déficits contextuais e epistemológicos entre diferentes conjunturas nacionais:

Se na Europa Ocidental, o termo intelectual, tradicionalmente, designa uma larga fração de pensadores, constituída por pesquisadores, professores universitários, escritores, cineastas, etc, que exerce uma atividade criativa nas ciências e nas artes, nos Estados Unidos, esse termo se aplica, em geral, ao chamado mundo “acadêmico”, ou seja, àquele pesquisador e/ou professor universitário, responsável pela produção e transmissão do conhecimento. No Brasil, o termo parece hesitar entre esses dois modelos (SILVA, 2003).

Essencialmente, o intelectual europeu forneceu um modelo, de consciência moral e crítica, que pode servir pelo menos de referência à análise do papel público exercido por intelectuais brasileiros. Sérgio Buarque de Holanda foi sempre um crítico combativo e talvez, por isso, possa ser visto nessa perspectiva. Atesta a assertiva, por exemplo, a participação no movimento modernista.

Em 1924, publica a *Revista Estética*, junto com Prudente de Moraes Neto, colega de Faculdade de Direito no RJ, com o objetivo de preencher o vazio causado pelo expiro da *Revista Klaxon* (1922-23), da qual havia participado como colaborador eventual e representante no Rio de Janeiro. *Estética*, diferente de *Klaxon*, não se propunha uma revista iconoclasta, mas sim crítica (VELLOSO, 2006). Antes mesmo, de *Estética*, Sérgio já havia publicado na *Revista do Brasil*, no *Correio Paulistano*, em *A Cigarra* e em *Fon-Fon*. O primeiro artigo veio a público em 1920, pelo *Correio Paulistano*, chamava-se “Originalidade Literária” e defendia a necessidade de uma “literatura nacional”.

Em 1926, Sérgio Buarque publica um artigo que causaria grave cisão no interior do próprio modernismo. Anteriormente, já havia tecido críticas a seus pares,⁷ mas elas se radicalizam em “O lado oposto e outros lados” (HOLANDA, 1996: 224-8).⁸ Sérgio Buarque menciona “germes de atrofia” dentro do movimento, que os “mais fortes têm combatido sem tréguas”. A acusação é, sobretudo, o fato de alguns nomes (Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida) arrogarem para si a liderança do movimento e tentarem impor a *construção* de uma arte genuinamente brasileira. Para Sérgio Buarque, “ela não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença” (HOLANDA, 1995, p. 225-226). No fundo dessa crítica está a preocupação com o conservadorismo inerente ao próprio modernismo (KOTHE, 2004, p. 120-122), que pode ser confirmada pela assertiva de Roberto Vecchi: “Sérgio “verticaliza” assim a “revolução” da experiência modernista, atacando sobretudo a falsa ideia de “expressão nacional” afastada da terra e do povo, resultante de uma matriz abstrata” (VECCHI, 2000).

Raízes do Brasil, o clássico de 1936, por sua vez representa “o olhar maduro do intelectual que encarna, ele próprio, a superação crítica do sistema em que se formou” (PRADO, 1998, p. 72). O “sistema” em questão trata-se justamente do movimento modernista. *Raízes do Brasil* se insere em amplo debate, aberto pela geração modernista, acerca da “brasilidade”, em contexto de mudança radical frente às transformações modernizadoras do país. Procedendo a uma interpretação particular do tempo brasileiro, Sérgio Buarque reinterpreta o passado e vislumbra um novo futuro para o Brasil, de superação das raízes ibéricas (REIS, 2006). Nas palavras do próprio autor:

Eu trouxe estas preocupações para dentro do meu trabalho histórico, bem como para todos os demais. *Raízes do Brasil* foi uma tentativa de fazer algo novo, para quebrar com a glorificação patriótica dos heróis do passado, para ser crítico (HOLANDA, 1987, p. 108).

Percebe-se, com isso, que, ao mesmo tempo em que há um engajamento ativo nos combates de seu tempo, o impacto dos acontecimentos históricos produzem

⁷ Os “Estudos Brasileiros”, de Ronald de Carvalho, que “se resumem a simples esboços históricos”, são criticados justamente por “falta de espírito crítico”. In: HOLANDA, S. B. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 204-206.

⁸ Publicado originalmente na *Revista do Brasil*, de 15 de outubro de 1926.

reflexões substanciais na obra, vista internamente. A história intelectual, para Dosse, é fecunda a partir do momento que ultrapassa a falsa alternativa entre os procedimentos internalista e externalista. De uma abordagem ao mesmo tempo internalista e externalista podem surgir hipóteses e correlações entre “o conteúdo exprimido, o dizer, de um lado, e a existência de redes de sociabilidade, o pertencimento de geração, a adesão a uma escola, o período e suas problemáticas, de outro” (DOSSE, 2004, p. 299).

O estudo da participação crítica de Sérgio Buarque de Holanda no modernismo pode produzir um esboço (fragmento) de história intelectual e, mesmo, de biografia intelectual sobre esta figura basilar da cultura histórica brasileira em sua singularidade. Outros momentos, apenas para citá-los, também dão conta de uma participação crítica e ética do intelectual Sérgio Buarque de Holanda na vida pública brasileira, como a aposentadoria na Universidade de São Paulo, em 1969, ato de solidariedade aos colegas aposentados compulsoriamente, e o engajamento na fundação do Partido dos Trabalhadores, em 1980, partido no qual foi um dos primeiros a se filiar, coerente com a expectativa apontada pelo autor desde os anos 1930, de uma democracia brasileira.

É pertinente mencionar outros estudos, na historiografia brasileira, no campo da história intelectual, que produziram biografias de intelectuais brasileiros. Lúcia Palhares-Burke (2005), autora de *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*, ao se concentrar em momentos específicos da formação intelectual de Freyre, procura mapear as leituras e influências decisivas na constituição de seu pensamento. As viagens aos Estados Unidos e à Europa – as leituras, cursos, conferências e amizades – são reconstituídas e mapeadas a fim de que se percebesse em que medida aparecem de alguma forma em *Casa-Grande & Senzala* (1936). Paulo Iumatti, da USP, publicou em 2007, pela Brasiliense, *Caio Prado Jr.: uma trajetória intelectual*. O início da tese deve-se à descoberta dos cadernos políticos de Caio Prado, hoje disponíveis para pesquisa no IEB/USP, que permitiram um desvio do foco de atenções para a pessoa do historiador e suas relações. Também sobre Caio Prado Jr., em 2008, Lincoln Secco deu a público *Caio Prado Jr.: o sentido da revolução*, um trabalho sobre a trajetória intelectual e política (indissociáveis, diga-se) de Caio Prado Jr. Bastante importante também é o trabalho de Márcia de Almeida Gonçalves, *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza* (2010). Este autor, entre os anos 1930 e 1950, dedicou-se ao estudo da história política brasileira por meio da escrita de

biografias de alguns de seus personagens, como Bernardo Pereira de Vasconcelos, Diogo Antônio Feijó, José Bonifácio e D. Pedro I, por fim reunidas na coleção *História dos Fundadores do Império do Brasil* (1958). Ao lado de Sérgio Buarque, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr., Octávio Tarquínio de Souza “participou intensamente dos círculos de sociabilidade intelectual que tanto imprimiram os ritmos da missão de redescobrir o Brasil, decantada por homens de letras e de ciências, a partir, notoriamente, de 1930” (GONÇALVES, 2004). Antônio Cândido, na introdução de *Raízes do Brasil*, afirma que Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. formam uma tríade de autores que exprimiram a mentalidade marcada por radicalismo intelectual e análise social da década de 1930. Destes, apenas sobre Sérgio Buarque de Holanda não se produziu uma biografia interpretativa de sua trajetória à altura de seu gênio.

Para finalizar, retomo a reflexão de Helenice Rodrigues da Silva sobre os intelectuais e sua atividade na esfera pública: “Num país onde reinam desigualdades e injustiças e onde o poder, seja ele qual for, tende a corromper a liberdade de pensar e de agir, a função do intelectual não deveria ser, antes de mais nada, crítica e ética?” (SILVA, 2003). Seguindo esta orientação, justifica-se, inclusive, a análise crítica dos *Apontamentos para uma cronologia de Sérgio* e do documentário que traça o roteiro com base nestes apontamentos. Apropriadamente à atual “guinada hermenêutica” da ciência histórica, cabe ao historiador do presente revisitar as múltiplas possibilidades de sentido contidas em potencial na experiência histórica do passado; em outras palavras, cabe “libertar a memória”.

Referências bibliográficas

ASSIS, A. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de “Do Império à República”, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, n. 59, p. 91-120, 2010.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.M; AMADO, J. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-191.

CAPELATO, M. H. *et al.* *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual*. São Paulo: Alameda editorial, 2007.

DIAS, M. O. L. S. Sergio Buarque de Holanda, historiador. In: Maria Odila Leite da Silva Dias. (Org.). Sergio Buarque de Holanda, historiador. 1ª ed. São Paulo: Atica, 1985, v. 1, p. 7-64.

DOSSE, F. *História e Ciências Sociais*. Bauru: Edusc, 2004.

_____. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FURET, François. *A Oficina da História*. Trad. Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa, Gradiva, 1986, p. 81-98. v. 1.

GALVÃO, V. N. Presença da literatura na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: MONTEIRO, P.M.; EUGENIO, J. K. *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Rio de Janeiro/Campinas: EDUERJ/Editora da Unicamp, 2008.

GONÇALVES, M. A. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Souza*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

_____. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo. *Revista de História*, São Paulo (USP), n. 150, p. 129-155, 2004.

HOLANDA, M. A. B. *Apontamentos para a cronologia de Sérgio*, s/d, Fundo Sérgio Buarque de Holanda, Biblioteca Central Unicamp. Disponível em: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia_indice.html> Acesso em: 20.05.2011.

_____. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária (1920-1947)*. Organização e notas: Antônio Arnoni Prado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. “Entrevista”. In: *Revista do Brasil*. Ano 3, n. 6/87, RJ, RioArte, 1987, p. 108.

IUMATTI, P. T. *Caio Prado Jr.: uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LEVI, G. Usos da biografia. In: FERREIRA, M.M; AMADO, J. (Orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996, p. 183-91.

LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 167-182.

NICHOLS, B. A voz do documentário. In: RAMOS, F.P. *Teoria Contemporânea do Cinema: documentário e narrativa ficcional* (vol. II). São Paulo: Ed. Senac, 1997.

NICODEMO, T. L. *Alegoria Moderna: consciência histórica e figuração do passado na crítica literária de Sérgio Buarque de Holanda*. Tese (Doutorado – História Social). FFLCH, USP. São Paulo, 2010, 332 p.

PALLARES-BURKE, M. L. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

PRADO, A.A. Raízes do Brasil e o modernismo. In: CÂNDIDO, A (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

REIS, J. C. *Escola dos Annales: inovação em história*. São Paulo: paz e Terra, 2000

_____. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

ROSENSTONE, R.A. *Visions of the past: the challenge of film to our idea of history*. Cambridge Harvard University Press, 1995.

RÜSEN, J. *Razão histórica: teoria da história I: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Reconstrução do passado: teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília, UnB, 2007;

_____. Historical narration: foundation, types, reason. In: *Studies in metahistory*. Pretoria: Human Sciences Research Council, 1993, p. 3-14.

SECCO, L. *Caio Prado Júnior: o sentido da Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.

SILVA, H. R. A crise da consciência histórica e a posição da disciplina história no campo intelectual francês. *Diálogos*. DHI/UEM, 02: 81-93, 1998.

_____. Rememoração/Comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. Vol.22, n. 44, São Paulo, 2002.

_____. O intelectual entre mitos e realidades. *Revista Espaço Acadêmico*. n. 29, out., 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.htm>>. Acesso em: 29.05.2011.

SIRINELLI, J-F. *Por uma história cultural*. Lisboa: Ed. Estampa, 1998.

VECCHI, R. Raízes do Brasil e a insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento modernistas. In: BRESCIANI, M. S.; NAXARA, M. *Memória e (res) sentimentos: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2001, p. 457-469.

VELLOSO, M. P. As modernas sensibilidades brasileiras. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En Línea], Debates, 2006, Puesto em línea el 28 janvier 2006. URL: <<http://nuevomundo.revues.org./index1500.html>>.